

Entre técnica e política: a formação do cão-guia como tecnologia assistiva e ator político no Brasil

Rafaela Damasio Castilho¹

Resumo

Este trabalho se propõe a explorar os processos de transformação do cão-guia em uma tecnologia assistiva a partir do conceito de cosmotécnica (Hui, 2020). Em um sentido latouriano (Latour, 2012) poderíamos dizer que tanto o cão, quanto o humano guiado, são atores dentro de uma rede de relações. Tais espécies companheiras (Haraway, 2021) compartilham naturezasculturas (Haraway, 2021) na formação destes cães como tecnologia assistiva em uma constante prática de antro-po-zoo-gênese (Despret, 2011) na qual a domesticação interespecie envolve o treinamento de cães – e humanos – baseado em confiança e cuidado mútuo de toda a rede interespecie envolvida na formação dos cães-guia.

Esse cão, passa por um processo de transformação em tecnologia assistiva enquanto compartilha mundos em comum com as pessoas ao longo das fases de sua vida e treinamento. Esse cão de serviço passa a exercer um papel político dentro de uma cosmopolítica (Stengers, 2018) nacional que faz refletir sobre a necessidade da ampliação do número de cães-guia no Brasil. Esse trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla de mestrado que pretende compreender a história, a formação, a atuação, e as questões político-sociais, que envolvem o cão-guia em sociedade.

Palavras chave: Tecnologia assistiva; Cosmotécnica; Cão-guia; Cosmopolítica; Multiespecie

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich), Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFMG (PPGAn-UFMG). Belo Horizonte, MG, Brasil.

Introdução

O Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência "Viver sem Limite 2" foi lançado pelo governo federal em 23 de novembro de 2023. Ao contrário de sua primeira versão, instituída em 2011, o programa não contempla propostas de incentivo no treinamento e na difusão de cães-guia para as milhares de pessoas que se beneficiariam com o serviço desses cães em sua vida. De acordo com a União Nacional de Usuários de Cães-Guia (UNUCG), existem pouco mais de 200 cães-guia em atividade no Brasil. Este quantitativo é bastante reduzido quando comparado aos dados do IBGE de 2022, que apontam que 3,1% da população brasileira apresenta dificuldade de enxergar, mesmo com o uso de óculos ou lentes de contato. Esse percentual corresponde a cerca de 6 milhões de pessoas, todas potenciais usuárias de cães-guia, além daquelas que ainda podem vir a se tornar pessoas com deficiência visual no futuro.

Em face deste dado alarmante, este trabalho pretende trazer para o debate uma caminhada compartilhada entre um cão de serviço, ainda pouco proliferado no Brasil, e os humanos que compartilham as diferentes etapas de sua vida e formação, trazendo autores como Yuk Hui e Donna Haraway para pensar sobre a importância e formação política, tecnológica e social desses cães no país.

Entre naturezasculturas



Figura 1: Área externa que direciona para os centros de manejo dos cães. Imagem da autora. Descrição da imagem: área com grama verde, piso de caminho cimentado e com piso tátil vermelho. Ao longo do caminho existem dois obstáculos de treinamento cilíndrico para que o cão aprenda a desviar de obstáculos em diferentes alturas.

Ao longo do meu trabalho de conclusão de curso de bacharelado em Antropologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tive a oportunidade de passar duas semanas no Centro de Formação de Treinadores e Instrutores de Cão-Guia e Inclusão (CFTICGI) do Instituto Federal Catarinense (IFC), no Campus Camboriú. Este é um dos poucos centros de treinamento do Brasil que contou e conta com investimento federal de recursos para realizar o trabalho de formação de novos treinadores e instrutores de cães-guia e de novos cães-guia para pessoas com deficiência visual que se interessarem.

As naturezasculturas (Haraway, 2021) compartilhadas no processo de formação desses cães e humanos é entrelaçado por uma estrutura física e didática que desde o início das aulas dos alunos e do nascimento dos cães. O centro de treinamento é todo construído pensando na formação dos cães-guia e nas pessoas com deficiência visual que

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

eventualmente passarão por lá. O primeiro prédio que compõe o complexo é o Centro Administrativo, dentre toda sua estrutura composta por salas de trabalho, salas de reunião, auditório e áreas de uso comum, como copa e banheiros. Toda a estrutura é pensada para ser acessível às pessoas com deficiência que eventualmente irão frequentar aquele local. O local contém piso tátil vermelho para orientação e mobilidade; além de ter uma grande maquete com a representação tátil em escala da área de 3,5ha do centro de treinamento.

A área externa (Figura 1) também foi projetada pensando na locomoção e mobilidade humana, mas também no treinamento dos cães, em uma grande gramado com variações topológicas que levam aos demais prédios do Centro de Treinamento, temos um caminho cimentado com um piso tátil vermelho centralizado. Ao longo do caminho existem obstáculos de treinamento cilíndricos para que o cão aprenda a desviar de obstáculos em diferentes alturas. A natureza do espaço e a cultura do treinamento estão inseparavelmente ligadas em todo o Centro de Treinamento, tudo pensado nos mínimos detalhes para garantir a melhor formação para os alunos, animais e humanos.

Em minha monografia para obtenção do título de Bacharela em Antropologia Social na UFMG, intitulada *UMA DUPLA MULTIESPÉCIE: O CÃO-GUIA COMO PROMOTOR DE JUSTIÇA AO ACESSO DE TERRITÓRIOS* (Damasio, 2024) descrevi detalhadamente toda a estrutura do CFTICGI. Assim como o centro administrativo, e a área externa, o canil, a maternidade, o centro de convivência e o lago são todos pensados para contemplar as diferentes etapas da formação desse cão e dos alunos do curso de formação de instrutores e treinadores de cães-guia.

Todo esse espaço compartilhado nesse treinamento interespécie transpassa a construção de naturezasculturas (Haraway, 2021) comuns aos humanos e animais em treinamento. Desde as primeiras semanas de vida os humanos são responsáveis por apresentar a esses cães os cheiros e sons do mundo que enfrentarão como guia e comandos básicos como “senta” ou “banheiro”. Os humanos também aprendem a como lidar e ensinar esses cães em um processo de aprendizado compartilhado, ambos vão aprendendo a compartilhar naturezasculturas interespécies.

Cosmotécnicas compartilhadas

Na obra *Tecnodiversidade* (Hui, 2020) somos apresentados a uma coletânea de trabalhos do filósofo Yuk Hui. Nela o autor trabalha em alguns conceitos chave que vamos abordar nesse artigo, o primeiro sendo o conceito de cosmotécnica (Hui, 2020), que consiste na diversidade de técnicas e tecnologias existentes que estão intrinsecamente ligadas à cosmologia e moralidade em que estão inseridas. O conjunto dessas cosmotécnicas leva a outro conceito do autor, a tecnodiversidade (Hui, 2020), que abrange em si a possível multiplicidade de cosmotécnicas e sua diversidade de formas de existência.

Quero abordar neste texto a tecnologia assistiva do cão-guia como uma forma de cosmotécnica animal dentro das múltiplas possíveis tecnodiversidades (Hui, 2020) do mundo de naturezasculturas multiespécies compartilhado por espécies companheiras (Haraway, 2021). De acordo com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015), em seu art. 3º e inciso II, tecnologias assistivas são:

tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social. (Brasil, 2015)

O cão-guia é incluído na categoria de tecnologia assistiva uma vez que se torna uma ferramenta de locomoção para/com pessoas com deficiência visual. No caso do cão, ele se torna uma tecnologia assistiva viva, que por lei, não pode ser vendida; para sua formação exige custos financeiros, ao mesmo tempo que retorna para sua dupla e para toda a sociedade um serviço de valor inestimável. Porém, há todo um processo para essa tecnologização do cão, ele não nasce guia, mas, nasce em uma ambiente, em uma naturezascultura, ou em uma cosmologia – podemos interpretar essa condição de várias formas – em que ele tem chances de se tornar guia com o treinamento.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Diferente de tecnologias assistivas inanimadas como uma bengala, uma cadeira de rodas ou um monóculo para visualizações a diferentes distâncias; o cão de serviço é uma tecnologia assistiva viva. Dotado de emoções, pensamentos, ideias e agência (Latour, 2012). Se ele não está disposto a guiar, a dupla humano-animal não chegará a lugar nenhum. Se seus sinais ao guiar não forem bem interpretados, ambos também não chegaram no destino proposto. Assim ser uma tecnologia assistiva viva trás novas complexidades para essa relação. Ao mesmo tempo que trás novas possibilidades de interação com o mundo uma vez que o cão apresenta não só uma resposta tátil ou ampliação de um sentido, como uma tecnologia inanimada. Ele adiciona a essa troca de percepções sua percepção e interpretação de mundo.

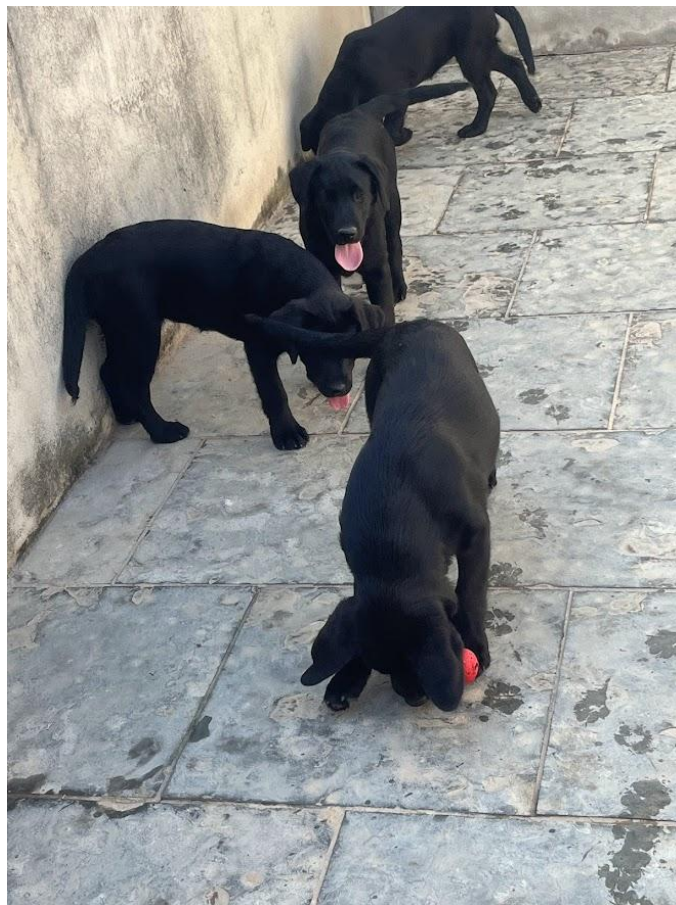


Figura 2: Filhotes de cão-guia pretos. Imagem da autora. Descrição da imagem: Quatro filhotes de cão-guia pretos brincando com um kong (brinquedo) vermelho em uma área de concreto.

Os mundos compartilhados entre esse cão de serviço e os humanos começam desde seu nascimento. A partir do momento que uma nova ninhada nasce ela é nomeada com uma letra do alfabeto que expressa a cronologia dessa ninhada da A à Z. Logo nas primeiras semanas (Figura 2) de vida seu treinamento já começa. Com dois meses, esses cães vão passar por três fases de treinamento: família socializadora, treinamento para se tornar ou não guia, pareamento de duplas com o futuro humano. Ao longo dessas três etapas o aluno que se tornará treinador e instrutor de cão-guia também passa por treinamentos e aprendizados em conjunto com esse cão. Vamos falar de cada um destes separadamente.

A cosmologia em que esse cão está inserido em seus primeiros dias de vida é rodeada por humanos e os mais diversos animais. Sons diversos são reproduzidos na maternidade para que os filhotes se acostumem com os sons que encontrarão no mundo real. Os cães são apresentados – com uma distância segura – a outros animais como, porcos e cabras. Além disso, os alunos treinadores viram noites para de tempo em tempo levar os animais em um ambiente gramado para treinar o comando “banheiro” para que os cães associem o local e o comando para fazerem suas necessidades fisiológicas. O “senta” já vai sendo ensinado, junto com um assobio de permissão, para a hora de comer. Mesmo que alguns desses cães não se tornem guia, eles serão treinados da melhor forma possível.

Com dois meses esses cães atingem outra etapa de seu treinamento, a socialização. As famílias socializadoras para esses cães podem ser definidas de duas formas. A primeira formada pelos próprios alunos do CFTICGI, a segunda por voluntários de Camboriú e localidades próximas que se voluntariam para acolher e participar do treinamento desses cães. Esta fase é de grande importância para a construção do mundo do cão e aprendizado do treinador. Nela o cão vai assimilando comandos básicos, é levado nos mais diversos ambientes com as mais diversas interações e somente pelo fato de já estar em treinamento, ao colocar sua veste verde de cão-guia em treinamento, já é e deve ser tratado como um cão em serviço.

Essas famílias responsáveis pela socialização e acolhimento contam com uma ampla rede de suporte, que garante insumos e serviços como ração, recipientes para alimentação e água, banho, medicamentos veterinários, vacinas, antiparasitários, brinquedos, caixa de

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

transporte, guia, coleira, colete e identificação do cão em socialização, além de carteirinha e manual do socializador, atendimento veterinário e assistência técnica sempre que necessário. Também são realizados encontros mensais no espaço de treinamento, permitindo que os cães mantenham os vínculos de matilha. Essa etapa inicial, voltada à construção de relações, ocorre do segundo mês de vida até aproximadamente os 15 meses, quando retornam ao centro para iniciar o treinamento com instrutores, entre professores e alunos.

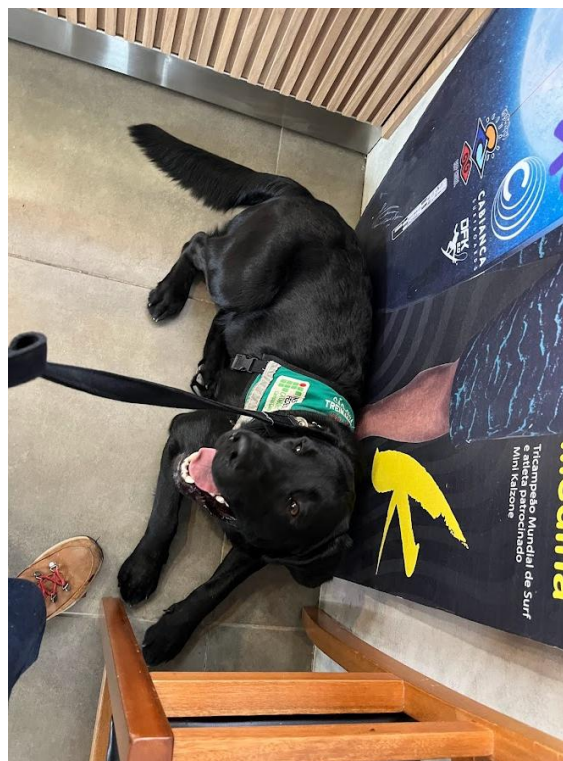


Figura 3: Cão guia deitado próximo à mesa. Imagem da autora. Descrição da imagem: Ozzy, um mertiço de labrador preto, deitado próximo a uma mesa. Ele usa uma coleira vermelha e um colete de identificação verde com o escrito “cão-guia em treinamento não acaricie”.

Na fase de socialização, o cão ganha um colete verde (Figura 3) - indicando que está em treinamento - e passa por sua primeira fase de tecnologização. O cão vai sendo apresentado a diferentes locais de trabalho, ensino e convívio social e vai se ambientando

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

com a diversidade dos locais e como se portar nele. Há comportamentos que são comuns a cães mas não devem ser estimulados em cães-guia. Por exemplo, farejar, um hábito natural dos cães para conhecer o ambiente ao seu redor. Para o cão-guia esse hábito pode colocá-lo e a quem ele conduz em perigo. A si mesmo se farejar e ingerir algo sem que o humano consiga analisar por antemão o que ele está fazendo, podendo levar até à morte dependendo que for ingerido. Mas o humano guiado também pode estar em perigo, caso o cão se distraia para farejar algo ou interagir com outros seres ele pode não perceber uma situação de perigo à sua frente como um lance de escadas, um buraco ou até uma plataforma de trem, levando a um desastre.

Ao transitar por essas diversas localidades o cão e sua dupla humana já garante e tem seus direitos garantidos perante o Decreto nº 5.904, de 21 de setembro de 2006, que regulamenta a Lei nº 11.126, de 27 de junho de 2005 desde a fase de socialização. O § 1º do Art. 1º do decreto consolida o direito de ingresso e permanência em ambientes de pessoa acompanhada de cão-guia:

O ingresso e a permanência de cão em fase de socialização ou treinamento nos locais previstos no caput somente poderá ocorrer quando em companhia de seu treinador, instrutor ou acompanhantes habilitados. (BRASIL, 2006)

Além de ter seus direitos garantidos por lei – mesmo que nem sempre respeitados – esse cão é grande promotor de acesso a lazer, cultura, esporte, convívio social e outros âmbitos da experiência de vida do usuário com deficiência visual, que sem o cão poderia não ter um acesso tão independente e seguro a estes locais e experiências.



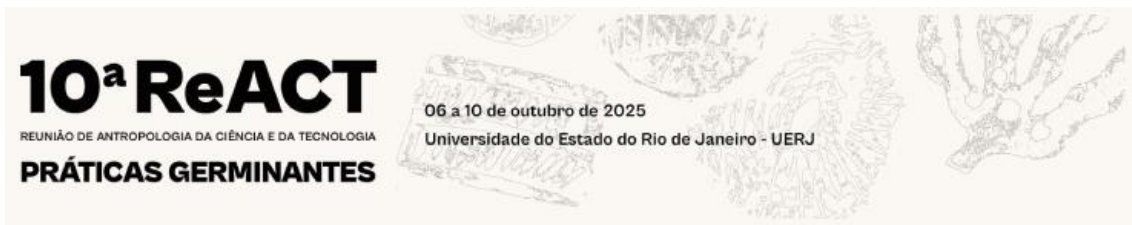


Figura 4: Foto lateral de cão-guia com arreio. Imagem da autora. Descrição da imagem: Onda, cão guia preta, mestiça de Labrador e Golden. Onda está de pé, com as quatro patas apoiadas no chão sob um tablado de treinamento de madeira. Ela usa um modelo de arreio: ferramenta marcada principalmente pelo peitoral que veste o cão e uma longa haste em formato de U invertido na qual a pessoa que for guiada por esse cão irá segurar.

Na segunda fase de seu treinamento, ao atingir 15 meses, os cães voltam para o centro de treinamento, onde o colete verde é substituído pelo arreio (Figura 4). Essa ferramenta, muitas vezes composta por uma combinação de couro e metal, é colocada pela frente do cão se prendendo abaixo de suas patas dianteiras. Conectada a esse peitoral há uma longa haste onde a dupla humana segura e permite que o humano guiado sinta o movimento do cão e entenda as pistas que ele dá sobre o ambiente compartilhado por eles. Nessa fase, alunos e professores treinam inicialmente dentro do centro de treinamento que tem toda uma arquitetura pensada para simular obstáculos que esse cão encontraria no dia-a-dia, para consolidar comandos essenciais como “senta”, “deita”, “fica”, “aqui”, “em frente”, “direita”, “esquerda”, “para”, “volta”, “esquerda ao redor”, “segue” “encontra a faixa”, “encontra a porta”, “encontra a saída”, “encontra o banheiro”, “rãp, rãp” (comando verbal utilizado para entrar em escadas rolantes ou em um momento de aumentar a velocidade em um trajeto).

Com um treinamento sólido, cães e humanos ampliam sua cosmotécnica (Hui, 2020) em diferentes contextos, tanto em espaços internos quanto externos. As práticas ocorrem em qualquer local frequentado por pessoas, como supermercados ou exposições culturais. Nesse percurso, acontece uma constante prática de antro-po-zoo-gênese (Despret, 2011), em que a relação de domesticação entre espécies – envolvendo os cães e os humanos que com eles convivem – se estrutura na confiança e no cuidado recíproco da rede multiespécie que participa da formação dos cães-guia.

Ao estudar os golfinhos, o biólogo e antropólogo Gregory Bateson desenvolve o conceito das funções μ (Bateson, 2025). Elas são padrões de comunicação que enviam sinais a serem interpretados dentro de um sistema em um nível de metacomunicação. Essa comunicação das funções μ ocorre tanto em relações animal-animal quanto em relação animal-humano. Como exemplifica o próprio autor:

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

“Chamemos essa discussão sobre os padrões da relação de função μ da mensagem. Afinal, foi o gato com seus miados que nos mostrou a grande importância dessa função. Os mamíferos pré-verbais se comunicam a respeito das coisas, quando precisam, usando primariamente sinais dessa função μ . Diferentemente deles, os seres humanos usam a linguagem, que é primariamente orientada para coisas, para discutir as relações” (Bateson, 2025, p. 374)

A dupla em treinamento humano-cão tem sua atenção treinada para que ambos estejam o mais atentos possível no momento de guiar. O humano para conseguir dar os comandos adequados ao cão em treinamento e sinalizar pontos de atenção, e o cão para ir absorvendo estes sinais e indicar com precisão obstáculos no caminho. Essa comunicação é feita primariamente a partir da interpretação de sinais não verbais emitidos tanto do cão quanto do humano, funções μ (Bateson, 2025), que juntamente com um processo de deuteroaprendizagem (Bateson, 2025) - aprender a aprender - o cão também vai associando a comandos não verbais, comandos verbais de nossa linguagem humana.

Durante esse processo formativo, os treinadores, sejam docentes ou discentes, avaliam características individuais de cada cão que podem levá-lo a ser considerado inadequado para a função de guia. Entre os aspectos que podem resultar nessa decisão estão altos níveis de ansiedade, comportamento agressivo, excesso de distrações com estímulos externos ou com outros animais, condições físicas como displasia, falta de disposição para guiar, entre outros fatores. Nesses casos, os cães são encaminhados para desempenhar outras atividades (como cães de terapia assistida, cães bombeiros ou cães de alerta médico) ou disponibilizados para adoção.



Figura 5: Foto de cão-guia sem arreio. Imagem da autora. Descrição da imagem: Ozzy, cão guia preto, mestiça de Labrador e Golden. Ozzy está sem seu colete de serviço, deitado no chão de barriga para cima e uma boca aberta em um semblante brincalhão.

Ao guiar e não guiar, o cão transita entre estados de naturezas culturas (Haraway, 2021) entre estar em serviço e não estar em serviço. Com o colete ou o arreio, o cão entra em um estado mental treinado para o serviço, para a atenção, para evitar distrações. Sem seu equipamento de trabalho (Figura 5) ele é um cão que brinca, que pode receber carinho e que interage com outros cães. Assim como qualquer cão, nessa troca de relação com humanos o cão-guia deve ser tratado com carinho, cuidado e afeto.

Os cães que completam seu treinamento serão pareados com suas duplas humanas após um período de treinamento entre ambos de duas semanas no próprio centro de treinamento. Vários fatores são importantes para que essa dupla seja bem sucedida. Primeiro, a pessoa candidata a um cão-guia deve demonstrar independência e segurança em sua orientação e mobilidade sem o cão. O cão será treinado para seguir ou desobedecer – caso seja conveniente – comandos de sua dupla e para analisar e agir sobre o ambiente em que está inserido; entretanto, o cão não vem com um sistema de navegação. Se o

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

usuário não sabe transmitir as direções de para onde quer chegar, o cão não tem como adivinhar.

Outro fator utilizado para parear a dupla ideal são os hábitos de vida e a velocidade de locomoção da pessoa guiada. Os cães-guia, mesmo que passem pelo mesmo treinamento, têm personalidades, corpos e velocidades de locomoção diferentes. Assim uma pessoa que anda mais rápido e tenha uma vida mais ativa recebe um cão compatível com seu perfil, assim como os demais perfis de usuários. Todos esses fatores são avaliados na fase de seleção dos candidatos à cão-guia, antes mesmo das pessoas chegarem para suas duas semanas de treinamento. São pareados humanos e cães com naturezasculturas (Haraway, 2021) e cosmotécnicas (Hui, 2020) similares que construirão juntos novas naturezasculturas (Haraway, 2021) e novas cosmotécnicas (Hui, 2020) em uma rede de atores (Latour, 2012) que compartilharão uma vida.

Após a formação de duplas esses cães e humanos são periodicamente monitorados para atestar que o cão está sendo bem cuidado e realizando um bom serviço. Esse monitoramento necessário faz com que a destinação destes cães-guia fique concentrada de forma local, uma vez que o monitoramento é custoso em tempo e recursos. Para conseguir dar suporte a outras regiões do Brasil o ideal é que tivessem mais centros de treinamento ao longo de todo o território nacional.

De tecnologia à político

Dado o exposto sobre o processo de formação deste cão como tecnologia assistiva viva de uma cosmotécnica (Hui, 2020) dentro de naturezasculturas (Haraway, 2021) compartilhadas, na conclusão deste texto quero refletir sobre o papel político que esse cão de serviço representa. Ao ocupar espaços urbanos e institucionais esse cão-guia age como um diplomata (Stengers, 2018) propondo uma proposição cosmopolítica (Stengers, 2018), uma vez que ao caminhar no mundo com sua dupla humana ele ajuda a propagar uma nova forma de vivenciar o mundo e da importância de ampliá-la.

Ao tornar o mundo mais acessível, ele ajuda a criar espaço na mente de pessoas que desconhecem a causa da acessibilidade para sua importância como também para evidenciar a falta de acessibilidade em um mundo que não se atenta a estas diferentes cosmopolíticas (Stengers, 2018) que compartilham direitos e deveres em uma sociedade.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Compreender esse cão também como um agente de mudança na e para a sociedade, é levar a sério as relações multiespécies construídas ao longo de sua formação. Cada cão de serviço não muda somente a vida de sua dupla humana, ele muda toda a concepção de uma sociedade sobre a importância de sua existência e da construção de uma sociedade mais acessível para todos.

Stengers trabalha com dois tipos de agente em uma proposição cosmopolítica. O especialista que usa suas técnicas de expertise para propor novas tecnologias ao mundo e o diplomata (Stengers, 2018) que muda e joga luz a mundos outros que uma ideia de progresso ignora. Em um mundo que os especialistas querem criar cidades cada vez mais tecnológicas ignorando as barreiras básicas em suas estruturas como calçadas esburacadas, falta de sinais de trânsito sonoros e falta de treinamento de pessoas para um atendimento acessível; o cão-guia age como um diplomata nesse mundo que tenta se esquecer do cosmos de um mundo acessível composto por pessoas diversas que experienciam o mundo de forma diversa. Uma cosmotécnica (Hui, 2020) outra dentro de naturezasculturas (Haraway, 2021) outras. Este cão diplomata corrobora para frear o progresso e pensar em uma outra possibilidade de mundo que não deixe outros seres humanos e animais para trás.

Referências Bibliográficas

Antropologia, Monografias, and Arqueologia UFMG. “DAMASIO, Rafaela. UMA DUPLA MULTIESPÉCIE: O CÃO-GUIA COMO PROMOTOR DE JUSTIÇA AO ACESSO DE TERRITÓRIOS.” Monografias De Antropologia e Arqueologia, 2024. Disponível em:

https://www.academia.edu/123757514/CASTILHO_Rafaela_UMA_DUPLA_MULTIESP%C3%89CIE_O_C%C3%83O_GUIA_COMO_PROMOTOR_DE_JUSTI%C3%87A_AO_ACESSO_DE_TERRIT%C3%93RIOS.

BRASIL. Lei nº 11.126, de 27 de junho de 2005. Dispõe sobre o direito do portador de deficiência visual de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhado de cão-guia. Brasília, DF, 27 jun. 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111126.htm. Acesso em: 20 set. 2025.

BRASIL. Decreto nº 5.904, de 21 de setembro de 2006. Regulamenta a Lei nº 11.126, de 27 de junho de 2005, que dispõe sobre o direito da pessoa com deficiência visual de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhada de cão-guia. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, 22 set. 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5904.htm. Acesso em: 20 set. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, 06 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 20 set. 2025.

BATESON, Gregory. Rumo a uma ecologia da mente. Tradução de Simone Campos. São Paulo: Ubu, 2025.

DESPRET, Vinciane. O corpo com o qual nos importamos: figuras da antro-po-zoo-gênese. *Body and society*, v. 10, n. 2-3, p. 111-134, 2004.

HARAWAY, Donna. O manifesto das espécies companheiras: Cachorros, pessoas e alteridade significativa. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2021.

HUI, Yuk. *Tecnodiversidade*. Tradução de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Pessoas com deficiência. 2022. Disponível em:

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102013_informativo.pdf. Acesso em: 20 set. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE METROLOGIA, QUALIDADE E TECNOLOGIA (INMETRO). Regulamento Técnico da Qualidade para Equipamentos sob Pressão de Vapor – RTQ 6. RTAC nº 001411, 2014. Disponível em: <http://www.inmetro.gov.br/legislacao/rtac/pdf/rtac001411.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE – CAMPUS CAMBORIÚ. Famílias Acolhedoras. [s.d.]. Disponível em: <https://www.camboriu.ifc.edu.br/caes-guia/familias-acolhedoras/>. Acesso em: 20 set. 2025.

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE – CAMPUS CAMBORIÚ. Famílias socializadoras. 18 ago. 2023. Disponível em: <https://www.camboriu.ifc.edu.br/caes-guia/familias-socializadoras/>. Acesso em: 20 set. 2025.

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE – CAMPUS CAMBORIÚ. Planejamento Estratégico: Centro de Formação de Treinadores e Instrutores de Cães-Guia e Inclusão – versão final. 2022. Disponível em: <https://www.camboriu.ifc.edu.br/caes-guia/wp-content/uploads/sites/18/2022/06/Planejamento-Estrat%C3%A9gico-Centro-de-Forma%C3%A7%C3%A3o-de-Treinadores-e-Instrutores-de-C%C3%A3es-Guia-e-Inclus%C3%A3o-vers%C3%A3o-final.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE – CAMPUS CAMBORIÚ. Resolução nº 41/2021 Consuper. Blumenau-SC. Disponível em: <https://www.camboriu.ifc.edu.br/caes-guia/wp-content/uploads/sites/18/2022/06/Resolu%C3%A7%C3%A3o-n%C2%BA-041-Consuper.2021.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE. IFC Camboriú abre inscrições para pessoas cegas interessadas em ter um cão-guia. 02 abr. 2024. Disponível em: <https://ifc.edu.br/noticia-geral/ifc-camboriu-abre-inscricoes-para-pessoas-cegas-interessadas-em-ter-um-cao-guia/>. Acesso em: 20 set. 2025.

LATOURE, Bruno. Reagregando o Social: Uma Introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador: EDUFBA, 2012.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, Brasil, n. 69, p. 442–464, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rieb/article/view/145663..> Acesso em: 20 set. 2025.

UNIÃO NACIONAL DOS CÃES-GUIA (UNUCG). História da Instituição. [s.d.]. Disponível em: <https://unucg.org.br/historia-da-instituicao/>. Acesso em: 20 set. 2025.